

Alguns comentários sobre a estrutura do verbo no português  
coloquial do Brasil

Mauro NEVES

I. INTRODUÇÃO

Como é bem sabido de todos, não só linguistas e demais estudiosos da língua, como também professores e, até mesmo a grande maioria dos falantes de qualquer língua que tenham estudado até pelo menos o final do equivalente ao segundo grau de instrução, os verbos quando empregados na linguagem coloquial sofrem diferenciações, não só de ordem sintática, mas, principalmente, de ordem morfo-fonêmica.

Neste artigo ater-me-ei apenas às mudanças de ordem morfológica, recomendando àqueles que queiram se aprofundar nos demais aspectos que recorram aos trabalhos de Câmara Jr.<sup>1)</sup> e Pontes.<sup>2)</sup>

Tal como Pontes<sup>3)</sup> e em seu trabalho muito se baseando, iniciaremos este artigo com uma descrição do sistema flexional, baseado nos verbos sem alternância temática e, posteriormente, baseando-se na semelhança formal, chegaremos à identificação dos agrupamentos morfológicos em que se reúnem as diversas formas verbais.

Por fim, tentaremos estabelecer algumas conclusões acerca do sistema de oposições baseado na análise morfológica dos verbos existentes no sistema de categorias verbais da língua portuguesa utilizada no Brasil.

Queremos também esclarecer que, embora tanto o trabalho de Houaiss<sup>4)</sup> como o de Pontes<sup>5)</sup> restrinjam-se aos falares do Rio de Janeiro, procuramos nesse artigo acrescentar, o tanto quanto nos foi possível, o verificado por experiência própria quanto

aos falares de Goiás<sup>6)</sup> e do Rio Grande do Sul.<sup>7)</sup>

## II. ANÁLISE MORFOLÓGICA

Toda forma verbal simples consta de um Tema (composto do radical e da vogal temática, aqui entendida como o morfema existente entre o radical e as desinências e que deve ser sempre postulada, mesmo nos casos de elisão ou crase<sup>8)</sup>), seguido de um sistema de sufixos flexionais ou desinências, ou seja, morfemas terminais dos vocábulos variáveis e que indicam as flexões de modo-tempo e número-pessoa.

O Tema pode ser precedido por afixos, mas estes não alteram seu sistema flexional. Na língua portuguesa não existem infixos.

Podem ocorrer em seguida ao Tema até três sufixos, sendo que as categorias verbais manifestas nas formas com três sufixos, como é o caso de FAL-Á-VA-MOS (onde Á representa a crase entre a vogal temática A e o índice da primeira conjugação verbal A, VA o imperfeito do indicativo e, MOS a primeira pessoa do plural), ora se conservam nas formas com um número menor de sufixos, ora se neutralizam.

Denominam-se morfemas cumulativos aqueles que conservam distinções que, em formas verbais paralelas, são abertamente expressas. Por exemplo: COMPR-O, onde /o/ representa ao mesmo tempo verbo, presente do indicativo e primeira pessoa.

Identificam-se no português do Brasil três grupos de paradigmas, ou três conjuntos de formas verbais, onde estão expressos os contrastes flexionais, a saber:

- paradigmas com três formas flexionadas: pretérito imperfeito do indicativo, pretérito do subjuntivo, futuro do subjuntivo, presente do subjuntivo e, infinitivo (例1) ;
- paradigmas com quatro formas flexionadas: presente do indica-

tivo e, pretérito perfeito do indicativo, este último nos falares do Rio Grande do Sul, sobretudo nas regiões de fronteira, possui cinco formas flexionadas e não quatro (例2), e;

- paradigmas sem distinção de pessoa, ou com apenas uma forma flexionada: gerúndio e particípio (例3).

Ao lado deste sistema flexional, verificam-se nos verbos da linguagem brasileira coloquial algumas alternâncias de Tema condicionadas morfológicamente, que colocam os paradigmas anteriormente listados nos seguintes grupos:

- Grupo do Presente: composto pela primeira pessoa do singular do presente do indicativo e, todo o presente do subjuntivo; onde todos os verbos, com raríssimas exceções, apresentam identidade de Tema;

- Grupo do Perfeito: composto pelo pretérito perfeito do indicativo, pretérito do subjuntivo e, futuro do subjuntivo; onde a terceira pessoa do singular pode ter esporadicamente Tema diferente, e;

- Grupo do Imperfeito: composto pelos paradigmas verbais restantes; caracterizado pelo particípio passado com um alomorfe de Tema irregular em alguns verbos.

Quanto a essas alternâncias, os verbos podem ainda ser classificados em:

1. Verbos com alomorfe de Tema especial para o Grupo do Presente, subdivididos em:

1.1. Verbos com alternância regular:

a. Vocálica: todos os verbos das segunda e terceira conjugações, com a vogal da raiz média aberta, vogal seguida de consoante no Tema e um alomorfe de Tema com vogal mais fechada;

b. Consonântica: os verbos das segunda e terceira conjugações cujo Tema termina em vogal oral ou em consoante lateral alveolar e que apresentam um alomorfe com extensão de uma semi-consoante;

1.2. Verbos com alternância irregular, mas sempre consonântica, onde existe um alomorfe cuja consoante final difere da do alomorfe geral. Exemplos: MEDIR, PEDIR, OUVIR, PERDER;

2. Verbos com alomorfe de Tema especial para o Grupo do Perfeito, subdivididos em:

2.1. Verbos que distinguem três pessoas no pretérito perfeito do indicativo (例1);

2.2. Verbos que distinguem quatro pessoas no pretérito perfeito do indicativo (例2);

2.3. Verbos que distinguem cinco pessoas no pretérito perfeito do indicativo, padrão do português coloquial gaúcho (例4).

3. Verbos com vários alomorfes de Tema, caso dos verbos SER e IR.

### III. CATEGORIAS VERBAIS

Existem no sistema verbal da língua portuguesa as seguintes categorias verbais: modo, tempo, aspecto, pessoa e número; as quais se manifestam em dois morfemas distintos, um para as três primeiras categorias MTA e, outro para as restantes PN. Esse esquema não pode, no entanto, ser considerado rígido, sobretudo no que diz respeito à categoria de aspecto (aqui entendida como sendo aquela que serve como marcadora da referência ou não à estrutura temporal interna de uma ação expressa)<sup>9)</sup>, a qual engloba não só a distinção entre perfectivo e imperfectivo, mas também toda uma forma própria de ver a estrutura interna da língua expressa por um sistema conjugacional próprio, onde se incluem os auxiliares aspectuais<sup>10)</sup>: SER, ESTAR, FICAR, ANDAR, PERMANECER, COMEÇAR A, IR e ACABAR DE.

Quanto às distinções que se manifestam no português

coloquial do Brasil nas categorias PN, resumem-se a: as que incluem a pessoa do falante e, as que excluem esta, cada uma diferenciada da outra, conforme se refira a uma pessoa ou mais de uma.

Em alguns casos, no entanto, há neutralização de pessoa: nos paradigmas verbais sem distinção de quatro pessoas e, no uso frequente de A GENTE, ou, de número: quando o sujeito é indeterminado, por exemplo DERAM, FORAM, COMPRARAM etc.

(例5、6、7)

Quanto ao modo, a oposição se verifica entre formas que indicam o fato real (indicativo) e o presumido ou irreal (subjuntivo); oposição esta que não é nem muito nítida, nem tão pouco rígida. Pode-se dizer que no português coloquial brasileiro é utilizado primordialmente o indicativo, sendo o subjuntivo utilizado tão somente quando assim o exige alguma regra. Deve-se ressaltar aqui que esse uso do subjuntivo é mais freqüente no Rio Grande do Sul que no Rio de Janeiro e, quase que inexistente nos falares da região goiana (例8).

"O conjunto das formas pessoais do verbo francês reparte-se tradicionalmente por uma certa quantidade de paradigmas temporais denominados "presente", "imperfeito", "perfeito", etc. e estes, por sua vez, distribuem-se pelas três grandes categorias do tempo, presente, passado e futuro. Estas divisões incontestáveis no seu princípio, estão, no entanto, longe das realidades de emprego e não são suficientes para seu agrupamento."<sup>11)</sup> Esta mesma afirmação pode ser aplicada ao verbo na língua portuguesa, como bem o demonstrou já Corôa.<sup>12)</sup>

A categoria tempo, que define o tempo ou época da ocorrência do fato com relação ao momento em que o falante se expressa, onde existem três momentos envolvidos - a saber, o momento do evento, o momento da fala e, o momento de referência, está sujeita a neutralizações; pois, seu esquema, supostamente

rígido, permite várias nuances de sentido, sobretudo, quanto à dicotomia presente/futuro.

A única regra fixa passa a ser, então, que as formas do presente e do futuro não podem ser usadas para indicar o passado. No entanto, as formas do pretérito não necessariamente, no português coloquial brasileiro, referem-se ao passado, como é o caso do uso frequente do pretérito perfeito do indicativo para se referir a um fato recém-concluído, ou do pretérito imperfeito do subjuntivo para se referir a situações habituais ou não bem situadas no tempo. (例9、10)

Assim sendo, a oposição entre as formas verbais na categoria tempo, no português coloquial falado no Brasil, resumem-se a: passado e, não-passado.

Além disso, evidencia-se neutralização nos seguintes casos:

- no pretérito imperfeito do indicativo, quando indica desejo (例11);
- no pretérito imperfeito do subjuntivo, quando indica hipótese, independentemente do tempo (例12) e;
- no pretérito perfeito do indicativo, quando indica apenas o aspecto da ação (例13).

Quanto à categoria aspecto, como já mencionamos anteriormente, ela propicia uma conjugação paralela ao sistema gramatical conhecido e ensinado nas escolas.<sup>13)</sup>

#### IV. CONCLUSÃO

Como vimos, no português coloquial do Brasil, predominam as neutralizações nas diversas categorias verbais, além de modificações morfológicas que afetam não ao Tema verbal, mas ao sistema desinencial.

É claro que este artigo não pretende colocar um fim na

pesquisa sobre este aspecto, nem muito menos ser um estudo exaustivo sobre o mesmo, gostaríamos apenas de ter dado nossa contribuição ao esclarecimento e divulgação das modificações morfológicas sofridas pelos verbos no português coloquial brasileiro.

Mais uma vez, gostaríamos de ressaltar que aqui entendeu-se como português coloquial brasileiro, aquele que engloba os falares da região do Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo (apenas a parte litoral do estado), da região de Goiás e Distrito Federal e, do estado do Rio Grande do Sul.

Por fim, gostaríamos de concluir este artigo corroborando a seguinte afirmação citada por Pontes<sup>14)</sup>: "it is what people say rather than what some people think they should say that is important to a descriptive linguist".

## V. 例文

### ① 教科書規則動詞變化表

### 口語的な變化表

直接法現在形		直接法現在形	
Eu	FALO	Eu	FALO
Tu	FALAS		
Ele/Você	FALA	Ele/Você	FALA
Nós	FALAMOS		
Vós	FALAI		
Eles/Vocês	FALAM	Eles/Vocês	FALAM

② 教科書規則動詞變化表

直接法未完了過去

Eu	FALAVA
Tu	FALAVAS
Ele/Você	FALAVA
Nós	FALÁVAMOS
Vós	FALÁVEIS
Eles/Vocês	FALAVAM

口語的な變化表

直接法未完了過去

Eu	FALAVA
Ele/Você	FALAVA
Nós	FALÁVAMOS
Eles/Vocês	FALAVAM

③ 教科書例文

Faz 15 anos que casei.  
Faz bom tempo hoje.  
Há 3 canetas sobre a mesa.

口語的な例文

Faz doença.  
Faz chuva.  
Tem 3 caneta sobra mesa.

④ 教科書規則動詞直接法完了過去

Eu	COMI
Tu	COMESTE
Ele/Você	COMEU
Nós	COMEMOS
Vós	COMESTES
Eles/Vocês	COMERAM

リオ・グランデ・ド・スル完了過去

Eu	COMI
Tu	COMESTE
Ele/Você	COMEU
Nós	COMEMOS
Eles/Vocês	COMERAM

⑤ 教科書例文

Eu moro em Tóquio. Onde você mora?

ゴヤス地方例文

Moro n' Pis. Ele ondi?



Comemos frutas no almoço. E vocês?	Comimo fruta n'arçoço. Eles?
Viajo sempre sozinho; ele também.	Viajo sumpre só; ele tamém.
Como está o senhor hoje?	Como stá siô oji?
Você está doente?	Ele stá doenti?
Quem é aquela senhora?	Quem é quela sinhô?
Casar nos-emos com certeza, eu e você.	Casemo com certeza, eu e ela.

㊦ 教科書例文

南地方例文

Faz muito frio em Caxias.	Faz muita chuva em Poa.
Faz 3 anos que moro em Vacaria.	Faz casamento lá na vila hoje.
Há 12 mesas neste escritório.	Há 12 mesa neste escritório.
Miriam está doente há 15 dias.	Faz doença em minha filha.
Ainda há uma semana pela frente.	De a frente ainda há uma semana.
Faz tempo que está fazendo bom tempo. Quando está chovendo faz escuro.	
Hei de viajar nas férias.	Há de viajar na féria.

㊦ 教科書例文

口語的な例文

A gente vai a São Paulo amanhã.	A gente vamos amanhã.
Onde aquela gente está indo?	Onde aquela gente estão indo?
A gente de Maringá fala alto.	A gente de Maringá falam alto.

㊦ 教科書例文

Talvez os senhores queiram café, já trago.

É necessário que José compre um carro novo, o seu já está muito velho.

Sinto que elas não gostem de balé.

Embora estivesse chovendo, saí de casa.

Se nós morássemos na praia, não estudaríamos muito.

Quando Joana nos telefonou, foi pena que tu estivesse dormindo.

Se nevar, não irei para a Argentina.

Sempre que ouvir esta cantiga, lembrar-me-ei de ti.

Tão logo souber o resultado, telefonar-lhe-ei.

Embora Pedro tenha estudado muito, não passou no vestibular de medicina.

#### 南地方例文

Talvez os senhores queiram café, trago já.

É necessário que José compre um carro novo, o dele já está muito velho.

Sinto que elas não gostem de balé.

Embora estivesse chovendo, saí de casa.

Se nós morássemos na praia, não estudaríamos muito.

Quando Joana nos telefonou, foi pena que tu estivesse dormindo.

Se nevar, não vou para a Argentina.

Sempre que ouvir esta cantiga, vou lembrar de ti.

Tão logo souber o resultado, lhe telefono.

Embora Pedro estudasse muito, não passou no vestibular de medicina.

#### 南東地方例文

Talvez os senhores querem café, trago já.

É necessário que José compre um carro novo, o dele já está muito velho.

Sinto que elas não gostam de balé.

Embora estivesse chovendo, saí de casa.

Se nós morássemos na praia, não estudaríamos muito.

Quando Joana telefonou, foi pena que você estivesse dormindo.

Se neva, não vou para a Argentina.

Sempre que ouça esta cantiga, vou lembrar dele.

Tão logo saiba o resultado, telefone para ele.

Embora Pedro estudasse muito, não passou no vestibular de medicina.

#### ゴヤス地方例文

Talvez os siô quer café, já trago.

É necessário que o José compra um carro novo, o dele já tá muito véio.

Sinto que elas não gosta de balé.

'Bora tava chovendo, saí de casa.

Se nós morava na praia, não estudava muito.

Quando Joana telefonô', foi pena qu'ocê tava dormin'.

Se neva, não vou Argentina.

Sempre que ouví esta cantiga, vou lembrá d'ocê.

Tão logo soubé o resultá, telefono pr'ele.

'Bora Pedro estudou muito, não passou no vestibulá de medicina.

Ⓢ Acabei de chegar de viagem.

Telefonei agora mesmo.

Comi já.

Quede o João, foi 'gorinha mermo qu'eu vi ele.

Poucos minutos antes, disseste a mesma coisa.

Ⓢ Lavava e lavava, nunca acabava.

Comia depressa demais.

Havia de ser comigo!

'Squicia tudo qu'os hõme dizia.

Vinhas, beijavas e logo dizias: chega pra lá guria!

Ⓢ Eu tinha vontade de conhecer a Bahia.

Ela desejava viajar tanto para a Europa.

Gostava de casar cum ela, mesmo que foi só prum ano.

Maria e Glaucia tinham desejo de te ver.

Tu querias tanto ler este livro!

Ⓢ Se a gente pudesse comprar uma casa nova...

Se chovesse amanhã, minha plantação melhorava.

Se tu fosse rico, tinha mais chance.

Se nós comprasse aquela casa, podia prantar rosa no jardim.

Se o patrão deixasse, trabaiava duas roça.

⊗ Amanhã, a essa hora, ele já saiu.

Se chover, José ainda não foi.

Depois das onze, ela já dormiu, nem precisa telefonar.

Cê tá esperando quê? O dinheiro num veio depois d'amanhã.

Quando o sol apontar, tu já estará no pampa de lá.

## VI. NOTAS

1) Câmara Jr., J. Mattoso, Para o estudo da fonêmica portuguesa (Rio de Janeiro, Simões, 1953), e, Câmara Jr., J. Mattoso, Manual de expressão oral e escrita (Rio de Janeiro, J. Ozon, 1961).

2) Pontes, Eunice, Estrutura do verbo no português coloquial (Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1969), Tese de Mestrado em Linguística.

3) Ibid.

4) Houaiss, Antônio, Tentativa de descrição do sistema vocálico do português culto na área dita carioca (Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1959).

5) Op. cit.

6) Experiência adquirida por ter sido criado no Distrito Federal, o qual se encontra encravado no estado de Goiás e ter convivido com muitas pessoas originárias desse estado desde a mais tenra infância.

- 7) Experiência que se deve ao convívio com os muitos gaúchos moradores em Brasília, além de parentes e amigos.
- 8) Segundo definição proposta por Kehdi, Valter, Morfemas do português (São Paulo, Ática, 1990).
- 9) Segundo definição proposta por Costa, Sônia Bastos Borba, O aspecto em português (São Paulo, Contexto, 1990).
- 10) Ver a conjugação aspectual proposta por Costa, Op. cit.
- 11) Benveniste, E., O homem na linguagem (Lisboa, Arcádia, 1976).
- 12) Corôa, Maria Luiza Monteiro Salles, O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica (Brasília, Thesaurus, 1985).
- 13) Ver em Costa, Op. cit.
- 14) Pontes, Op. cit.

## VII. BIBLIOGRAFIA

- Benveniste, E., O homem na linguagem (Lisboa, Arcádia, 1976)
- Boléo, Manuel de Paiva, Estudo de caráter sintático-estilístico (Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1936)
- Câmara Jr., J. Mattoso, Manual de expressão oral e escrita (Rio de Janeiro, J. Ozon, 1961)
- Câmara Jr., J. Mattoso, Para o estudo da fonêmica portuguesa (Rio de Janeiro, Simões, 1953)

- Corôa, Maria Luiza Monteiro Sales, O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica (Brasília, Thesaurus, 1985)
- Costa, Sônia Bastos Borba, O aspecto em português (São Paulo, Contexto, 1985)
- Houaiss, Antônio, Tentativa de descrição do sistema vocálico do português culto na área dita carioca (Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1959)
- Kehdi, Valter, Morfemas do português (São Paulo, Ática, 1990)
- Pontes, Eunice, Estrutura do verbo no português coloquial (Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1969)
- Spalding, Walter, Arcaísmos portugueses na linguagem popular do Rio Grande do Sul (Angra do Heroísmo, Andrade, 1947)